

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO  
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 7  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Fogo de vista

Como nas mágicas de teatros de feira, com mirabolantes cenários e gestos espalhafatosos, surgiram nos últimos dias pelos alçapões do palco governativo, notícias mirabolantes que trouxeram um raio de esperança a aqueles que ainda vivem de ilusões e não são susceptíveis de se verem delas desmentidos.

Anunciaram-se carregamentos fantásticos de gêneros de todas as qualidades, que viriam abastecer o mercado de maneira a desaparecer o terrível espectro da fome que nos ameaça constantemente.

E nessa credulidade, o povo, mais uma vez, especialmente a nossa classe média, que se sugere, espera resignado a realização das anunciadas promessas, quando uma existência sem dificuldades, vendendo já sobre a sua pobre mesa os artigos mais indispensáveis à subsistência das famílias. A miséria, como por encanto, desapareceria da casa dos que morrejam dia a dia, num trabalho extenuante e mal compensado, e a vida seria perenne de felicidade.

Nesta doce miragem nos colocam de vez em quando os senhores que governam, sejam quais forem os grupos que representam, a intenção sabida de narcotizar a população, pretendendo refrear os ímpetos de revolta contra a incapacidade revelada em mil e um decretos que nada resolvem a bem da comunidade.

A espertosa salaio que em outros tempos poderia dar resultados lucrativos, não passa hoje dum arma vulgaríssima de entreter o ânimo com a miséria pública, jogando-se de há muito posto a desbarato por aqueles que constantemente são vigaristas, pois que a experiência de factos identicos em-nos acostumado a por de relance todas as afirmações vindas do Terreiro do Paço com o rótulo de benefício ao povo.

O caso é que, como resposta às promessas há pouco vindas a lume, a esse anunciado manancial de gêneros que viria fazer arrefecer a fúria do povo esfomeado, os especuladores começaram a elevar afrentosamente o preço de todos os artigos da primeira necessidade.

Em matéria de subsistências já há muito que nesta decadente terra, em que o parasita medra à vontade, era um mito a abundância ou mesmo uma existência razoável em relação às necessidades. Porém, uma vez saída a ordem de tratamento se poder vender, foi o momento para que o mercado se desatocasse de gêneros de várias qualidades. Quasi de todo pareciam, quando na véspera afirmamos os seus detentores que nada tinham. Valeram-se, pois, do mercado livre e é veloz, quais saltadores de estrada, a vender por preços elevadíssimos o que possuíam guardado nos inextinguíveis armazéns.

Formou-se novo assalto à bolsa do consumidor, porque a insaciável ganância do comércio nunca se esgota. Jurou aos seus deuses assassinar lentamente os que trabalhavam. São tam fantásticos os preços porque actualmente se vendem os gêneros, que não há salário, por mais alto que seja, capaz de vencer essa subida vertiginosa, escandalosa mesmo.

Torna-se, portanto, impossível viver assim, e, nossas condições, os nossos governantes lançam mais fogo de vistas, no propósito de cegar a multidão com a variedade de cores que emprega. O comércio vai-se cada vez mais lucrando, esfolando o já descaupulado povo, enquanto este adormece na esperança ilusória da chegada de carregamentos de subsistências que acabariam com a miséria em que vive...

São assim os detentores das rédeas governativas, decretando sobre hipóteses, sem um plano de fomento que faça desenvolver o país de forma a evitar o crescente estado paupérrimo em que se vem debatendo.

Tem-se demonstrado que Portugal é um país rico de tudo, faltando simplesmente quem o saiba administrar em condições de ele poder dar o suficiente com que evite as importações que nos levam todo o esforço que empregamos. Agarrados a uma política perniciosas, criminosas até, servindo as clientelas ávidas de um culento manjar na mesa orgamental, os homens de Estado não se preocupam com a fome que lavra intensamente de norte a sul e que pode, dum momento para o outro, transformar em feras os cordeiros que vão agüentando pacientemente todos os escândalos e roubalheiras de que são os únicos a sofrer as consequências.

E para que serene o espírito de revolta latente na alma popular, esses homens de Estado, iluminados por uma ideia que diversos vezes têm posto em prática, sem que resultado algum dêse, atiram para a multidão dos esfomeados com mirabolantes e fantásticas notícias que parece levarem-nos à Terra da Promissão...

E' tudo isto que eles sabem fazer, para se dizer que alguma coisa fazem e não os cognominarem de nulos.

Como pirotécnicos, não se pode exigir mais nem melhor.

## "A Situação" insidiosa

Em vez de responder ao ofício da C. G. T. repete as mordeduras venenosas

A Confederação Geral do Trabalho dirigiu à Situação uma carta que ontem publicamos, convidando-a a provar as infâmias que largamente combatemos. A carta do Comité Confederal era clara, concisa e exigia do órgão desembrista uma satisfação cabal de tudo quanto tem dito sobre a tal entrega dos 200 contos, feita pelo sr. Cândido Sotto Mayor à C. G. T.

Porém, a Situação nem sequer esboçou uma resposta, limitou-se a escrever um eco, no qual não acusava a recepção da carta, nem tentava sequer responder à C. G. T.

Transcrevemos o referido eco para que os nossos leitores vejam de que maneira aquele jornal trata assuntos pelos quais se deve responsabilizar e cuja responsabilidade lhe é pedida.

Vejam a prosa:

Os defensores do generoso banqueiro, que não teve dúvidas em confederar a bagatela de 200 contos para a compra do Cordeiro Velho, não tendo nada que alegar em sua defesa, apenas dizem — e já é bastante — que fizemos uma afirmação gratuita.

Mas, decerto. Nestas questões, a expansão dos nossos comentários mordazes ou irónicos, vivos e acerbos, é sempre gratuita, visto que nós não fazemos pagar a linha.

Já eles não podem dizer o mesmo — duzentos contos... é barro!

Como se vê a insidia continua. Chama à C. G. T. «os defensores do generoso banqueiro». Onde teria visto a Situação a defesa do banqueiro feita pela organização operária? Acrescenta ainda que apenas disseemos que a Situação faz afirmações gratuitas, dando a estas palavras interpretação de gratias.

Felizmente o povo lê a carta que aquele jornal recebeu e sabe bem que apenas nela se pedia a prova positiva das notícias insidiosas. A Situação não respondeu ao ofício, preferiu torcer o caso a seu bel-prazer, continuando a envenenar o público com as suas falsidades. A maneira como termina o eco, insinuando que nos vendemos por duzentos contos, o confirma.

Já no nosso editorial de ontem imprimimos a nossa indignação contra a maneira baixa, reles como a Situação nos quer desacreditar perante a opinião pública. Convidamos-la a apresentar provas de todas as suas afirmações. Esperamos-las.

## C. G. T.

**Conselho Confederal**

E' convocado a reunir, hoje, às 21 horas, o Conselho Confederal. Atenta a importância dos assuntos a tratar torna-se necessária a comparencia de todos os seus membros.

Também se torna necessária a comparencia dos membros das comissões de parecer sobre «Carestia da Vida» e «Casa dos Trabalhadores».

## A CARESTIA DA VIDA

## O GOVERNADOR CIVIL

**é entrevistado por uma comissão de mulheres e responde insolentemente**

As mulheres que não se conformam a permanecer em casa sem ter de comer tentaram realizar anteontem na Associação dos Caixeiros esta sessão contra a carestia da vida. Essa sessão, como tantas outras, foi proibida porque se encontravam mais de dez pessoas, o que significa que no critério governamental, apenas 19 pessoas podem sofrer a carestia da vida, as restantes devem viver alegres e contentes.

Vieram essas operárias manifestar a esta redacção o seu descontentamento, dizendo ao mesmo tempo que procuram obter as entidades superiores a fim de saber se realmente se encontram pessoas podiam manifestar em público que tem fome.

Encontraram-se ontem com o governador civil. E' interessante que venha a público a sùmula da entrevista.

Nos constituímos a comissão nomeada na Associação dos Caixeiros a fim de pedir licença a V. para realizarmos a sessão contra a carestia da vida — o grupo de senhoras ao avistar-se com o governador civil.

— As senhoras são caixeiros? — perguntou o governador.

— Não — responderam — somos uma comissão de operárias que pretendemos protestar contra a carestia da vida.

— Contra a carestia da vida não autorizo sessões.

Isto é, no critério do governador civil a carestia da vida não é assunto que mereça uma sessão de protesto. Provavelmente aquela autoridade julga que toda a gente vive na abundância, provocada, de certo, pela acção da policia e da guarda republicana.

Mas — disse a comissão — há dias no Centro Socialista iniciou-se uma sessão contra a carestia, sendo proibida. Porém o sr. Ladislau Batalha dirigiu-se a v. para que lhe desse licença, mediante um requerimento, para realizar livremente a sessão e essa licença foi-lhe concedida, tanto assim que se realizou.

O governador civil, pensando talvez na sua consciência a razão destas palavras, disse:

— Nesse caso façam o requerimento.

Nos — acrescentou a comissão — pretendemos apenas com as nossas sessões auxiliar o governo na sua caça aos assambarcadores.

Bem então as senhoras, digam-me qual a forma como pretendem caçar os assambarcadores e nós procederemos. Olhem — continuou — hoje já caçei dois.

A comissão voltou então à carga:

— Nós desejamos protestar contra a carestia da vida, porquanto os ordenados que os nossos maridos ganham não chegam para atender às exigências da vida.

— Não quero discussões sobre esse assunto exclamou o governador: As senhoras desconhecem a lei.

Em seguida mostrou um artigo da lei que estabelece que só depois de se pedir, 24 horas antes, licença para realizar qualquer sessão pública, estas podem ser efectuadas.

— Então as senhoras — perguntou o governador — falam em comícios e desconhecem a lei?

— Nós desconhecemos a lei, não queremos mesmo saber da lei para coisa alguma, porque ela é aplicada com desigualdade, sendo os pequenos sempre que suportam os seus rigores.

— Ora, ora — disse sua excelência irónicamente mudando de conversa — os operários mal pagos... e as senhoras com as suas sessões dentro em pouco tem uma carrada de trigo...

Efectivamente — respondeu a comissão — no mesmo tempo — estamos tam bem pagos que já temos prédios e não precisamos de trabalhar...

Eis como o governador encara a momentosa questão da carestia da vida.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte...	12.119\$76	Transporte.....	12.316\$99
Francisco I. Rodrigues.....	\$100	Francisco Alves.....	\$65
Antonio Augusto Neves.....	\$166	João Franco.....	\$50
Paul C. Condat.....	\$150	João Gomes.....	\$50
Sindicato Unico da C. Cl. VII de Lisboa; cotisação voluntária de Agosto.....	30\$70	Francisco Matos.....	\$65
Associação dos Empregados da Carris.....	100\$00	Venâncio da Silva Matos.....	\$30
Antigo Revolucionário E. S. M.....	2\$50	Domingos Salreu.....	\$20
Que te no quadro de O Mundo.....	5\$15	Custódio Gaspar.....	\$65
Que te no quadro de A Batalha.....	\$870	Francisco Luis Simões.....	\$30
Que te num jantar entre empregados da Carris.....	12\$50	João Borges.....	\$65
A. Cristo.....	\$30	Manuel dos Reis.....	\$65
Antonio Fernandes.....	\$50	José dos Santos.....	\$65
Alberto E. Figueiredo.....	\$30	Antonio J. Pinheiro.....	\$35
José A. Pegado.....	\$50	Manuel Caetano Dias.....	\$30
Casimiro P. Silva.....	\$100	Manuel Henriques.....	\$65
Um dia de subvenção dos operários da C. M. L. Um grupo de calceteiros:		Antonio Afonso.....	\$50
João A. Almeida.....	\$65	Sebastião Lemos.....	\$100
João Vicente Sousa.....	\$65	Manuel Pereira.....	\$60
Bruno Antonio Gonçalves.....	\$65	Julio José Franco.....	\$60
Domingos José Pereira.....	\$65	Pedro dos Santos.....	\$50
José Francisco Faria.....	\$65	José da Assunção Vicente.....	\$65
Olympio Antonio.....	\$65	Anónimo.....	\$202
João Mungos.....	\$65	Que te na officina de Manuel Fernandes & C. — Contribuintes:	
João da Fonseca.....	\$65	João Marques.....	\$30
Jorge Rodrigues Duarte.....	\$10	Jorge d'Oliveira.....	\$30
Rodolfo Torres.....	\$30	João Ribeiro.....	\$50
Artur Paulo.....	\$30	Machado.....	\$50
Machado.....	\$30	José Simões.....	\$100
Jaime Pedro Correa.....	\$15	Manuel Salvador.....	\$50
Francisco Rodrigues Andrade.....	\$40	Florindo d'Almeida.....	\$50
Cristiano Gomes.....	\$50	João da Silva.....	\$20
João Viera.....	\$20	Jorge Rodrigues Duarte.....	\$10
Que te aberta entre os tipógrafos da Typografia Caldense, nas Caldas — Contribuintes:		Rodolfo Torres.....	\$30
J. Fernandes dos Santos.....	\$150	Artur Paulo.....	\$30
Alfredo Rodrigues.....	\$130	Machado.....	\$30
Raimundo Santos.....	\$130	Jaime Pedro Correa.....	\$15
Antonio Zacarias.....	\$100	Francisco Rodrigues Andrade.....	\$40
João Baptista.....	\$100	Cristiano Gomes.....	\$50
Um militar.....	\$100	João Viera.....	\$20
João Duarte.....	\$100	Neno Vasco acaba de ser dado à sepultura.	
João Elias.....	\$65	Ontem quando, com Sá Viana, procurava Cristiano de Carvalho, recebi essa infausta nova. Foi como que um sopapo, uma punhalada que nos prostrasse.	
Antonio Esteves.....	\$300	Sabendo o estado do querido amigo e camarada Neno, longe estava contido de supor que ele falecesse tam rapidamente. Ainda há pouco, na minha volta pelo Minho o visitei e pareci-me com melhor aparência do que quando saí de Lisboa. Apenas notei, além da excessiva magreza, que espectorava com dificuldade.	
João Lopes.....	\$65	Mai pensava eu que havia de ser exactamente essa extrema dificuldade que o havia de prostrar para sempre.	
Francisco Pereira.....	\$65	E' verdade, foi essa dificuldade! Já em S. Romão, onde, com o Darwin, acompanhei a sua conhecida Aurora e suas duas filhinas, foi o seu médico assistente, seu antigo condiscipulo na Universidade e nos braços do qual morreu, quem nos informou que foi uma vomia que o asfixiou, sem que nada o podesse evitar.	
Manuel Simões.....	\$65	Momentos antes havia tido um acesso forte de espectoração que o afogava e da qual com o auxilio do medico se livrou. Passado, porém, um quarto de hora, não pôde resistir.	
Francisco dos Santos.....	\$110	Lá o fômos, há pouco, levar à sepultura no pequeno cemitério de S. Romão do Coronado.	
Adolfo Pereira.....	\$10	A noticia do seu falecimento foi conhecida apenas dum reduzido número de camaradas e amigos, por motivo da dificuldade e morosidade das comunicações.	
Operários no Jardim da Estrela		Solidarizo-me convosco nesta dor intensissima. No funeral estiveram representadas a C. G. T. e A Batalha. A Comuna fez-se igualmente representar. Um grupo de camaradas do Porto pensa em organizar uma romagem a S. Romão, para que ao querido morto possam prestar homenagem a aqueles que	
Anibal Francisco.....	\$70		
Dimas Pintens.....	\$65		
Alfredo Vieira.....	\$65		
Francisco Vicente Rodrigues Almerim, apontador.....	\$20		
José Ferreira.....	\$50		
Empregado do telefone.....	\$20		
Antonio Joaquim Ribeiro.....	\$65		
Bernardo Abrantes.....	\$65		
Antonio A. Oliveira.....	\$65		
Carlos V. Oliveira.....	\$65		
Francisco Vaz.....	\$65		
Herculano de Almeida.....	\$65		
Jaime Augusto Fernandes.....	\$65		
Antonio do Porto.....	\$65		
Domingos Batista de Carvalho.....	\$65		

## NENO VASCO

O modesto funeral dum grande morto

**Novas manifestações de pesar**

Só ontem nos chegaram do norte alguns preciosos informes respeitantes ao falecimento do nosso pobre Neno. Enviaram-nos Alexandre Vieira, e Manuel Joaquim de Sousa, actualmente no Porto. Neno Vasco faleceu na quarta feira à noite. Momentos antes tinha estado falando com seus filhos e cunhada, nada fazendo suspeitar que tam próximo estava o desenlace. A familia deixou-o, partindo para Matosinhos, e pouco após sentia-se Neno piorar. Chamado o medico, pareceu que a súbita indisposição desaparecera. Mas a morte, que com este fugaz alívio se disfarçara, de novo se acceitou do desditoso, e Neno, acometido dum segundo ataque, veio a morrer nos braços do medico, seu amigo e seu antigo condiscipulo, depois duma agonia de instantes.

O funeral de Neno realizou-se na quinta feira passada, no dia seguinte ao da sua morte, descendo o corpo do admirável propagandista a uma humilde campa do cemitério de S. Romão do Coronado. Ao funeral não poderam concorrer, em número apreciável, os amigos e camaradas de Neno, por só terem conhecimento da infausta noticia demasiadamente tarde. Contudo, a C. G. T. e A Batalha fizeram-se representar no funeral por Manuel Joaquim de Sousa.

E assim, infeliz na morte como durante a vida, baixou à terra o intemperado combatente, o modelo moral, o grande libertário que Neno Vasco foi.

**Uma carta de Manuel Joaquim de Sousa**

Neno Vasco acaba de ser dado à sepultura.

Ontem quando, com Sá Viana, procurava Cristiano de Carvalho, recebi essa infausta nova. Foi como que um sopapo, uma punhalada que nos prostrasse.

Sabendo o estado do querido amigo e camarada Neno, longe estava contido de supor que ele falecesse tam rapidamente. Ainda há pouco, na minha volta pelo Minho o visitei e pareci-me com melhor aparência do que quando saí de Lisboa. Apenas notei, além da excessiva magreza, que espectorava com dificuldade.

Mai pensava eu que havia de ser exactamente essa extrema dificuldade que o havia de prostrar para sempre.

E' verdade, foi essa dificuldade! Já em S. Romão, onde, com o Darwin, acompanhei a sua conhecida Aurora e suas duas filhinas, foi o seu médico assistente, seu antigo condiscipulo na Universidade e nos braços do qual morreu, quem nos informou que foi uma vomia que o asfixiou, sem que nada o podesse evitar.

Momentos antes havia tido um acesso forte de espectoração que o afogava e da qual com o auxilio do medico se livrou. Passado, porém, um quarto de hora, não pôde resistir.

Lá o fômos, há pouco, levar à sepultura no pequeno cemitério de S. Romão do Coronado.

A noticia do seu falecimento foi conhecida apenas dum reduzido número de camaradas e amigos, por motivo da dificuldade e morosidade das comunicações.

Solidarizo-me convosco nesta dor intensissima. No funeral estiveram representadas a C. G. T. e A Batalha. A Comuna fez-se igualmente representar. Um grupo de camaradas do Porto pensa em organizar uma romagem a S. Romão, para que ao querido morto possam prestar homenagem a aqueles que

**Os abutres da imprensa**

Ultimamente tem-se desenvolvido em Portugal uma maneira particular de fazer jornalismo, a que os interessados chamam jornalismo à americana, mas que os honrados, os sérios, os que não vivem de negócios escuros, conhecem pelo nome vulgar de *chanfana*.

Os jornais que se servem desses processos são inúmeros, mas os menos desafiados. Os escândalos nestes últimos tempos tem sido muitos e esses jornais exploraram-nos habilmente.

Ainda não passaram muitos meses sobre o escândalo dos electricos. Nessa ocasião, delegados do Sindicato de Santos Amaro vieram procurar-nos, como relatórios nessa época, para, mediante determinada quantia, defendermos os seus interesses. Recusamos a oferta e ainda não devem ter esquecido a campanha que levantámos. Pouco jornais resistiram ao ouro da Companhia dos Electricos. Tanto assim que, passado dias, vimos, que nos lembre neste momento, *O Seculo*, *O Diário de Notícias*, *Este* chegou mesmo a confessar-lo a um redactor nosso), *A Vitória*, *A Situação* e outros a preparar a atmosfera que a Carris podesse fazer o seu jôgo...

Depois do escândalo dos electricos vimos vários outros, como o da Moagem, etc., em que entidades que tem negócios tam torpes que não convêm que se saibam pagam a determinados pasquins para que se calem ou para se defender se for necessário.

Esses jornais, dirigidos por indivíduos para quem a honra, a lialdade são palavras vãs, desde que não possam ganhar algumas cotas com elas, estão prontos como as prostitutas a ser servidos por todos os canchais que deles precisam.

O jornal *O Tempo*, ontem, fingindo honrar o que disseemos acerca da ca-

por o não saberem, não vieram assistir ao entéro. — Porto, 16 de Setembro de 1920. — M. J. Sousa.

**Uma carta de Gonçalves Correa**

Quando hontem, antes de as minhas mãos chegar a nossa Batalha, outro jornal me revelou a estúpida noticia do falecimento do nosso pobre Neno Vasco — pobre ele, que era tão rico, riquissimo mesmo, das altissimas qualidades de inteligência e de moral que devem ornar os verdadeiros homens! — senti-me deveras comovido, pois a pesar de ter falado apenas ao pobre Neno uma vez, há perto de 3 mezes, em sua casa, na Graca, quando já o terrível mal o impedia de expandir-se com os ímpetos da sua inquebrantável fé, deixou-me ele a impressão de ser, como de facto era, uma criatura superior. Pobre Amigo! Quem nos diria, a ele e a mim, que, vendo-nos uma vez, seria a única que trocariamos impressões...

Ante o facio brutal, superior a todo o esforço humano, pratiquemos todos nós, os sinceros amigos do nosso chorado morto, a homenagem que mais grata seria ao seu espirito: enchemos o globo de anarquistas *peio facto*, por que Neno Vasco foi, sem dúvida, o mais coerente praticante do facto anarquista. E quanto à homenagem ao seu coração diamantino, impõe-se-nos esta, imediatamente: velamos pelos filhos que o braço inerte do pai não pode acarinhar. Colizemo-nos todos, todos, periodicamente, de modo que as inocentes crianças filhas do nosso querido amigo não faltar o conforto material e moral indispensável. Inicio a lista com o meu nome, não está já iniciada, que me associarei com orgulho a essa obra digna de nós todos, pagando a coia fixa que me for estabelecida dentro dos justos limites das minhas posses.

Praia da Rocha, 19 de Setembro de 1920. — Gonçalves Correa.

— A Direcção da Associação dos Corticeiros de Lisboa, reunida e interpretando o sentir da Classe, ao ter conhecimento da infausta noticia da morte do insigne camarada Neno Vasco, participa-vos que mantem a bandeira sindical a meia haste durante dois dias e acompanhava na manifestação de pesar pela perda incomparável que sofreu o grande ideal da emancipação dos trabalhadores. — Pelo Direcção, Heitor Veiga.

Associação de ao pesar que o falecimento de Neno Vasco causou em todos os meios avançados envia-nos o camarada José Gomes Pereira Avante uma sentida carta, repassada de dor.

Também o camarada Luis Fernandes Laranjeira, do Nucleo Juventude Sindicalista do Porto, nos escreve, deplorando, em enternecidas frases, a perda do saudoso propagandista.

O grupo libertário Novos Horizontes, associa-se à dor que neste momento sentem todos os elementos avançados pela morte de Neno Vasco.

VIANA DO CASTELO, 19. — O Centro Comunista desta cidade sente profundamente a morte do nosso querido Neno Vasco. — António Vidal, secretário geral.

CANAS DE SENHORIM, 20. — Sentidos pesames pela irreparável perda de Neno Vasco. — José Rosa da Silva.

**Uma greve que termina**

LEON, 21. — Terminou a greve mineira. — Rádio.

**Outra preste a declarar-se**

SALAMANCA, 21. — Os empregados mineiros ameaçam ir para a greve, se não lhes for aumentados os salários. — Rádio.

## NOTAS & COMENTARIOS

**Pequenas diferenças**

A Pátria ontem apresentou-nos um artigo interessante sobre as greves espalhadas e pela não menos vaga liberdade. Condena as greves? Parece-nos. Concorde que o dinheiro não é tudo. Também parece que sim. No entanto tem frases mais claras, mais nitidas e essas julgamos-lhe errôneas. Por exemplo: «Ao aumento de salário se segue logo o aumento de lucro». Não há erro. O que não sabemos, o que temos visto é o aumento de salário se segue ao aumento de lucro.

**Conclusões**

Os maus hábitos são sempre difíceis de perder.

A Vitória habitou-se a caluniar as lutas sindicais, estabelecendo proposições confusas. Ontem, a propósito de manobras monárquicas notórias, como está sempre bem informado, a prisão do nosso camarada José Santos, ao qual foram encontrados segundo dizia — manifestos integrais dirigidos aos marinheiros. Efectivamente aquele nosso camarada foi preso, como noutro lugar relatamos; mas, porém, a certeza absoluta que não foram encontrados manifestos monárquicos.

Marinheiros misturados com sindicais? A Vitória talvez diga asneiras dessas por ignorância, ou então para fazer cair sobre nós o ódio dos publicanos mais ignorantes.

**Em Córdova**

maageiros acordam evitar o encarceramento de pão

CORDOVA, 21. — Reúniram os fabricantes da farinha da provincia combinando a forma de abastecer a capital, dando assim o encarceramento do pão.



